

# MULHERES QUILOMBOLAS: SABERES, FAZERES, CULTURAS E RESISTÊNCIAS

## AUTORES

### Neudson Johnson Martinho

Doutor em Educação  
Professor Adjunto da Faculdade de Medicina da  
Universidade Federal de Mato Grosso

### Carolina Correia de Almeida

Acadêmica da Faculdade de Nutrição da Universidade  
Federal de Mato Grosso  
E-mail: [carolina.almeida.014@gmail.com](mailto:carolina.almeida.014@gmail.com)

### Maisa Rodrigues dos Santos

Acadêmica da Faculdade de Saúde Coletiva da  
Universidade Federal de Mato Grosso

### Suzana de Matos Andrade

Acadêmica de Saúde Coletiva da Universidade Federal de  
Mato Grosso

## RESUMO

Durante o desenvolvimento do projeto de pesquisa com interface na extensão denominado “Práticas culturais em saúde: O cuidado e a educação popular em saúde na luta pela vida em uma comunidade quilombola do Estado de Mato Grosso”, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa / Saúde da UFMT sob parecer nº 2.714.638 / 2018 e registrado na PROPEq / UFMT: CAP 356 / 2018, vários fenômenos foram identificados na comunidade Quilombola Mutuca, localizada no Município de Nossa Senhora do Livramento – MT, lócus do mesmo. Do recorte dos fenômenos apreendidos emergiu este artigo, o qual objetiva apresentar os movimentos de vida em um quilombo sob a liderança de mulheres, transitando em quatro elementos existenciais para população: saberes e fazeres, as lutas de resistência a colonização, processo de aculturação e o recomeço. A compreensão quanto a cultura quilombola e suas implicações sobre a vida e a saúde da comunidade é importante para práticas profissionais nas diversas áreas do conhecimento, para que assim, ocorram entendimento da cultura promovendo relações de respeito e troca de saberes. Nessa perspectiva, considera-se importante que outros projetos multiprofissionais e interdisciplinares sejam fomentados nas universidades como estratégias de possibilitar aos estudantes conhecimentos que transcendam os muros da universidade.

**Palavras-chave:** Quilombo. Cultura. Resistência.

## MUJERES QUILOMBOLAS: CONOCIMIENTOS, HACERES, CULTURAS Y RESISTENCIAS

## RESUMEN

Durante el desarrollo de este proyecto de investigación con enlace en la extensión denominada “Prácticas culturales en Salud: el cuidado y la educación popular en Salud en la lucha por la vida en una comunidad quilombola del Estado de Mato Grosso”, aprobado por el Comité de Ética en Investigación / Salud de la UFMT previo dictamen nº 2.714 / 2018 y registrado en la PROPEq / UFMT: CAP 356 / 2018, varios fenómenos han sido identificados en la comunidad Quilombola Mutuca, ubicada en el municipio de Nossa Senhora do Livramento - MT, en el mismo locus. Del recorte de los fenómenos aprehendidos emergió este artículo, el cual tiene el objetivo de presentar los movimientos de vida en un Quilombo bajo el liderazgo de mujeres, circulando en cuatro elementos existenciales para la población: los saberes y haceres, las luchas de resistencia contra la colonización, proceso de aculturación y nuevo comienzo. La comprensión en lo que se refiere a la cultura quilombola y sus implicaciones en la vida y la salud de la comunidad es importante para prácticas profesionales en las diversas áreas del conocimiento para que de igual manera haya el entendimiento de la cultura promoviendo relaciones de respeto e intercambio de saberes. Desde este punto de vista, creemos que es importante que otros proyectos multiprofesionales e interdisciplinarios sean estimulados en las universidades como estrategia que pueda ofrecer a los estudiantes conocimientos más allá de los muros de la universidad.

**Palabras clave:** Quilombo. Cultura. Resistencia

## 1. INTRODUÇÃO

As comunidades remanescentes quilombolas procuram produzir seus alimentos de forma sustentável, aproximando-se do que é preconizado pela agroecologia, compreendida como uma ciência que concede fundamentos básicos da ecologia para o estudo e tratamento de ecossistemas tanto produtivos quanto preservadores dos recursos naturais e que sejam culturalmente sensíveis, socialmente justos e economicamente viáveis (ALTIERI, 2018).

Os agricultores quilombolas elaboram técnicas, manejos dos solos, das águas e das sementes, flora e fauna que marcam seu espaço, seu território, meio físico e biológico, tendo como prioridade melhorar a alimentação familiar e a preservação interativa da natureza, com base em saberes e fazeres repassados de gerações em gerações (FIDELIS et al., 2018).

Conforme identificado pelos autores supracitados, a prática agroecológica desenvolvida nos quilombos tem finalidades diversas em sua ontologia, as quais se caracterizam pela busca de manutenção da vida na comunidade, com a produção dos próprios alimentos, estando embutido nesse processo a preservação da natureza e legitimação da demarcação de seu território, onde saberes culturais são resgatados e preservados como ferramenta de manutenção da identidade quilombola (ALTIERI, 2018; FIDELIS et al., 2018).

No Estado de Mato Grosso, segundo registros da Fundação Cultural Palmares, existem 80 comunidades quilombolas certificadas. A população quilombola Mutuca integra o Quilombo Mata Cavalo, localizado no município de Nossa Senhora do Livramento/MT, a 10 km da sede do município e a 42 km de Cuiabá. A área desse quilombo é de 14.700 hectares e nele há 418 famílias quilombolas. O Mata Cavalo é formado pelas comunidades quilombolas do Aguassú, Ourinhos/Ponte da Estiva, Mata Cavalo de Baixo, Mata Cavalo de Cima, Mutuca e Capim Verde, cada qual com sua associação (MOURA et al., 2014).

Durante a execução do projeto de pesquisa com interface na extensão, denominado “Práticas culturais em saúde: O cuidado e a educação popular em saúde na luta pela vida em uma comunidade quilombola do Estado de Mato Grosso”, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa / Saúde da UFMT sob parecer nº 2.714.638 / 2018 e registrado na PROPEq / UFMT: CAP 356 / 2018, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisas Multiprofissionais em Educação e Tecnologias em Saúde (PEMEDUTS), vários fenômenos foram identificados na comunidade Quilombola Mutuca, do município de Nossa Senhora do Livramento – MT, este artigo é um recorte destes fenômenos apreendidos.

Uma característica desta comunidade quilombola é o fato de ser liderada por mulheres, as quais fazem a gestão do quilombo em todas as suas dimensões existenciais, desde o cuidado com a saúde dos seus membros, plantação, colheita, armazenamento, distribuição e comercialização dos produtos derivados da agricultura.

A liderança feminina como costume culturalmente legitimado foi identificada em sociedades como: Bijagós e Guiné-Bissau, nas quais as mulheres é que escolhem seus parceiros ou determinam o fim de um relacionamento, além de influenciarem nas decisões políticas locais. Em outras comunidades, de modo específico africanas, as mulheres atuam como responsáveis pelas cerimônias religiosas e liderando diversos segmentos (SCHOLL, 2016).

Subsidiados nos fenômenos apreendidos durante as rodas de conversas realizadas com as mulheres quilombolas do Mutuca – MT, elaborou-se este artigo com o objetivo de apresentar os movimentos de vida que ocorrem em um quilombo sob a liderança de mulheres, os quais transitam em quatro elementos existenciais para o povo negro quilombola, como os saberes e fazeres, as lutas de resistência a colonização, aculturação e o recomeço dos movimentos após cada ciclo vivido.

A relevância desse estudo legitimou-se pela viabilização de práticas multiprofissionais e interdisciplinares entre estudantes de cursos de graduações diversas da universidade, além de possibilitar a vivência de experiências culturais que potencialmente lhes proporcionará práticas mais humanísticas e de respeito aos saberes e fazeres dos povos de comunidades tradicionais no seu cotidiano profissional.

## 2. METODOLOGIA E RESULTADOS

Para apreensão dos fenômenos inerentes as práticas desenvolvidas pelas mulheres negras quilombolas na comunidade Mutuca – MT, alunos bolsistas de diversos cursos de graduação realizaram rodas de conversas, cada roda com um tema gerador e dinâmicas estimuladoras para a participação das mulheres. Como suporte teórico, as ações foram subsidiadas pela Pedagogia Freiriana.

Melo et al. (2016), enfatiza que o método da roda de conversa foi inicialmente utilizado pelo filósofo ateniense Sócrates nos anos de 469-399 a.C, o qual promovia diariamente um intercâmbio de ideias com seus interlocutores buscando como resultado a reflexão e caracterização de algumas qualidades, como: amizade, justiça, coragem, etc.

Moura et al. (2014) afirma que as rodas de conversa proporcionam ambientes de fala e de principalmente de escuta, nos quais as pessoas possam se sentir à vontade para partilhar, complementar, concordar ou mesmo discordar de uma outra fala. Neste contexto, conversar significa “compreender com mais profundidade, refletir mais e ponderar, no sentido de compartilhar”. Assim, a roda de conversa possibilita a construção e reconstrução de conceitos e de argumentos através da escuta e do diálogo com os pares e consigo mesmo.

Este método vem sendo desenvolvido e aprimorado desde o século XX, a partir dos estudos de Paulo Freire, nos quais a roda e conversa é uma das metodologias utilizadas no processo de alfabetização e educação dos povos (FREIRE, 2003).

As mulheres da comunidade em epígrafe participaram ativamente das rodas de conversas, na qual apontaram elementos que demonstravam como se dava o processo existencial dentro da comunidade, cuja utilização de técnicas agroecológicas é um dos primeiros relatados. Este trazia de forma implícita nas falas, outras finalidades inerentes a vida no quilombo e seus movimentos de sobrevivência e resistência, conforme os relatos abaixo:

*Aqui a gente planta arroz, milho, mandioca, banana, manga. Temos apiário. Tudo para nosso próprio sustento, mas também comercializamos, principalmente nas festas tradicionais do quilombo, como a festa da banana e da semente crioula.*

*Não utilizamos venenos nas plantações de arroz e nem nas outras plantações.*

*Não fazemos queimadas para não prejudicar a natureza e a nossa saúde.*



**Figura 1** – Plantação de banana Fonte: Própria, 2018.

**Figura 2** – Mandiocas Fonte: Própria, 2018.



Percebe-se nestas falas o fenômeno: A agroecologia, presente nas práticas do quilombo, contemplando aspectos econômicos de subsistência (plantar para consumir e comercializar) e princípios agroecológicos implícitos em suas ações. Nesse sentido, Altieri (2018) ressalta que a agroecologia tem uma abordagem que integra os princípios agrônômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo.

O conhecimento sobre as práticas agroecológicas realizado pelas mulheres quilombolas foi complementado a partir de uma parceria com o projeto do Grupo de Estudos Rurais da Amazônia (GERA) da Universidade Federal de Mato Grosso, que teve início no ano 2000. Neste grupo foram realizadas ações em que trocavam experiências sobre formas de cultivos, sendo apresentado a comunidade o termo “agroecologia” como classificação para o modelo de produção agrícola realizado por elas historicamente a gerações, sem ter consciência que praticavam este modelo de agricultura.

A partir deste momento, as mulheres se interessaram em participar dos encontros regionais sobre agroecologia e anualmente têm representantes da comunidade Mutuca no encontro nacional de agroecologia. Este é um espaço de intercâmbio de saberes, no qual, um membro da comunidade participa do encontro e ao voltar para o quilombo, repassa as novas técnicas aprendidas para o restante da comunidade, porém a adaptação fica por conta de cada agricultor, nenhum método é imposto. Em meio as técnicas está a tradicional produção de seus próprios insumos que costumam ser utilizados para proteção da plantação, como um veneno agroecológico, e fertilizantes que são feitos a base de cascas, fumos, capim verde, cinza, melado e/ou rapadura.

Ao abordarmos sobre questões culturais como manutenção das tradições afrodescendentes e movimentos de resistência a colonização contemporânea e processos de aculturação, as quilombolas referiram:

*Realizamos anualmente a festa da banana e da semente crioula.*

*Nestas festas comercializamos nossos produtos elaborados a partir do que plantamos e produzimos na comunidade, apresentamos danças e outras artes (artesanatos: bonecas negras de pano, colares e etc., cuja aprendizagem provém de nossos ancestrais. Assim mostramos para a comunidade e para os visitantes que mantemos acesa a cultura do nosso povo.*

*Nossos movimentos de resistência às políticas de colonização contra o nosso povo e nossa cultura, se dá através das nossas lideranças, mulheres preparadas, estudadas, que nos representam nos movimentos sociais, levando a voz do nosso povo e nossa bandeira de resistência.*

*Aqui temos mulheres que estudam, fazem faculdade de direito, pedagogia e outros cursos. Porém, preservamos nossas crenças, saberes que aprendemos com nossos antepassados, os quais passamos para nossos filhos e netos.*



**Figura 3** – Produtos quilombolas Fonte: Própria, 2018.



**Figura 4** – Palestras Fonte: Própria, 2018.

Nesses relatos identificamos o fenômeno da manutenção cultural entre as quilombolas. É notório que a militância e engajamento nas ações que envolvem apresentação e preservação da cultura negra é um grande aliado para as mulheres líderes da Mutuca, sendo que a busca de conhecimentos formais (acadêmicos) percebidos entre estas como ferramenta para as subsidiarem nos debates políticos e de luta por seus direitos e resistência as tentativas de suplantação de sua cultura.

A festa da semente crioula citada em uma das falas, se caracteriza como um espaço para troca das sementes entre comunidades remanescentes quilombolas de todo país. Porém, aberta para participação da comunidade que preservam um cultivo livre de agrotóxicos. Sendo o critério para realizar a troca é ter sementes consideradas crioulas, com intuito de realizarem este intercâmbio e não permitir que a semente (por não ser plantada) perca sua fertilidade, além de garantir o fluxo cultural, fortalecendo vínculos com seus antepassados e explorando formas de manter e dinamizando a tradição.

Esta festa surgiu na comunidade Mutuca em meados dos anos 2000. Durante a festa, além de apresentações artísticas culturais e vendas de produtos como bonecas de pano, material reciclável, remédios produzidos a partir de plantas locais, doces e bebidas, são realizadas palestras com o intuito de fornecer novos conhecimentos para os agricultores e fortalecer a importância de se manter essa cultura da troca de sementes.

As sementes crioulas são aquelas que não sofreram modificações genéticas por meio de técnicas, como de melhoramento genético, inclusive nesse contexto, a transgenia. Estas sementes são chamadas de crioulas ou nativas, porque geralmente seu manejo é desenvolvido por comunidades tradicionais, como indígenas, quilombolas, ribeirinhos, caboclos etc. O termo sementes nessas comunidades abrange a tubérculos (batata, cará, mandioca) e raízes, entre outros, alimentos que são considerados por eles como sendo sementes crioulas. Acredita-se que algumas dessas sementes possam ter mais de 200 anos de existência, porém sempre em rotatividade.

Para participar da festa os pequenos agricultores deslocam-se de várias comunidades quilombolas, assentamentos rurais do estado e às vezes de outros estados. Embora esse compartilhamento tenha recebido o título de “festa” e seja realizada com data marcada, acredita-se que a prática de troca de sementes, mudas ou ramas tenha iniciado com seus ancestrais. A festa é uma forma de perpetuar a prática deste costume. Essa festa é realizada ao longo de um dia inteiro, e para incentivar a permanência dos convidados é oferecido um almoço gratuito servido pela comunidade anfitriã, feito com ingredientes cultivados na própria plantação. A ideia é que em cada edição o evento seja sediado por uma comunidade local distinta para expor as características culturais de cada uma. Há um empenho da comunidade em divulgar seus costumes.

Uma vez ao ano além da festa da semente também acontece a festa da banana - a principal produção do quilombo. Onde são apresentadas todas as preparações produzidas a partir da banana, sendo comercializado o típico doce de banana e brigadeiro de banana, por exemplo. Durante todo ano é possível encontrar os alimentos produzidos no quilombo a venda, pois são comercializadas a produção excedente. Todos os alimentos comercializados pela comunidade são genuinamente orgânicos livres de qualquer tipo de agrotóxicos, produzidos a partir de sementes comprovadamente crioulas.

As sementes passam pelo teste Trait para saber se estas sofreram algum tipo de contaminação por agrotóxicos, alterações em seu material genético, se são sementes crioulas de fato ou se até mesmo a planta sofreu uma polinização cruzada. Para assegurar que não ocorra a troca de sementes contaminadas, para a garantia da procedência e qualidade da semente trocada, o teste Trait é realizado pela Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional – FASE durante a festa.

O teste é conduzido conforme as instruções do fabricante, em que é triturado uma amostra representativa das sementes, e utilizando um volume de água indicado para diluição de acordo com a quantidade da amostra. Desta forma, cria-se um extrato sendo este pipetado e colocado em um tubo de 1,5ml. Com o auxílio de uma fita é possível visualizar o resultado que é gerado em alguns minutos, uma listra corresponde a negativo e duas listras vermelhas a positivo. Os agricultores que receberem o resultado positivo em relação a contaminação, poderão receber dos outros agricultores, novas sementes para manter seu cultivo.

Durante toda a festa as sementes permanecem no “local de troca das sementes”, espaço assim denominado que é feito entre árvores, as quais servem de colunas para o entrelaçar de folhas de coqueiros, envolvendo e delimitando o local. Possui mesas nas quais ficam as sementes, mudas e ramas. Este local é construído no centro do espaço em que é realizada a festa.

Previamente à troca, as sementes passam por um ritual de consagração que engloba as religiões mais predominantes na comunidade sendo elas a católica, evangélica e afro-brasileira. Respeitando assim as diferentes crenças dos membros da comunidade e participantes da festa. Após o ritual inicia-se a troca das sementes. Neste momento cada agricultor deve preencher um cadastro para recebê-las e/ou doá-las.

O cadastro é uma importante ferramenta juntamente com o teste Trait, para assegurar a procedência e localização da semente evitando-se que a percam ou caso haja necessidade de reavê-las total ou parcialmente, ou então no caso haver o interesse em realizar uma comparação do desenvolvimento de sementes crioulas em locais diferentes, existe a possibilidade de localiza-las.

Chegada a finalização da festa esta é encerrada com músicas, incluindo instrumentos como a viola de cocho e tamborim. Algumas mulheres apresentaram como uma forma de celebração da festa, danças afro-brasileiras ao som de cantos que em suas letras relatam histórias de resistência e conquistas. Para essas comunidades a semente crioula representa um símbolo de resistência e preservação das suas raízes, principalmente para as comunidades quilombolas.

Com a utilização exclusiva deste tipo de semente, a agricultura desenvolvida por estas comunidades é intitulada por agroecologia, que consiste em uma agricultura que não utiliza agrotóxicos ou fertilizantes químicos, respeitando as limitações e características da região e solo. Por meio dessa agricultura ecológica essas famílias constituem a maior parte de seu sustento. Produzem para consumo e comercializam parte da produção, geralmente no município mais próximo, Nossa Senhora do livramento.

A alimentação dessa comunidade é basicamente constituída por alimentos advindos de suas próprias produções. Algumas famílias ainda plantam tubérculos e hortaliças no quintal de casa, além da plantação coletiva desenvolvida pela comunidade. Desta forma, criando um sistema alimentar próprio e único daquela região.

A riqueza desse povo é o conhecimento dos meios básicos de subsistência e o convívio autêntico com seus pares e com a natureza. Este conhecimento nobre e sagrado se manifesta por meio das cantigas, da religião, da comida feita no fogão à lenha. Revela-se no feitio das roupas simples e coloridas, na produção artesanal, na pesca e na caça, no trabalho na roça, nos remédios e chás caseiros (ANJOS, 2006, p. 9, 67).

Portanto, é fato que essas comunidades mantêm ainda tradições e tecnologias que seus antepassados trouxeram da África, como a agricultura, a medicina, religião, mineração, as técnicas de arquitetura e construção, o artesanato, a fabricação de utensílios de cerâmica e palha, a linguagem que sobreviveu pelo uso dos dialetos no cotidiano das famílias, a relação sagrada com a terra, a culinária, a importância da vida comunitária. Todos esses aspectos podem ser claramente observados na comunidade quilombola Mutuca, que desde sua fundação tem buscado preservar sua cultura em meio a um dos estados de maior produção agrícola convencional do país, é admirável sua luta e resistência para manter viva suas raízes.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do Projeto de Pesquisa com interface na extensão foi possível desvelarmos fenômenos inerentes aos os movimentos de vida na comunidade quilombola Mutuca. Movimentos estes que se caracterizaram por saberes e fazeres que visam a sobrevivência e busca da manutenção da saúde através de práticas agroecológicas, assim como, realização de eventos culturais como forma de socializá-los, mostrando as crenças e valores culturais ainda preservados no seio da comunidade como um dos movimentos de resistência às ameaças sentidas e/ou percebidas de processos de colonização e aculturação.

A festa da semente crioula é uma das maiores demonstrações dessa resistência, pois nela, além da troca das sementes acontece a celebração da cultura por meio de rituais e danças ao som de músicas que relembram suas raízes afrodescendentes e a troca de conhecimentos entre os pequenos agricultores agroecológicos que buscam resistir a agricultura convencional.

A compreensão quanto a cultura quilombola e como esta tem implicações sobre a vida e a saúde da comunidade é de suma importância para práticas profissionais nas diversas áreas do conhecimento com estes povos, para que assim ocorra entendimento onde negociações culturais sejam efetivadas e materializadas por relações profissionais humanísticas e entre os profissionais e povos quilombolas.

Nessa perspectiva, consideramos importante que outros projetos multiprofissionais e interdisciplinares sejam fomentados nas universidades, como estratégias de possibilitar aos estudantes conhecimentos que transcendam os muros da universidade, melhor preparando-os para relações mais humanizadas com os pacientes de comunidades tradicionais.

Esta experiência vivenciada no Grupo de Pesquisas Multiprofissionais em Educação e Tecnologias em Saúde (PEMEDUTS), possibilitou aos estudantes envolvidos juntamente com as mulheres quilombolas a aquisição de novas aprendizagens, proporcionando um intercâmbio de saberes e viabilizando práticas interprofissionais e interdisciplinares entre alunos de Nutrição, Saúde Coletiva, Medicina e Enfermagem numa perspectiva transcultural.

#### 4. CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Almeida e Matos escreveram o artigo, integrando as contribuições dos diferentes autores. Santos colaborou com indicações de literatura e sugestões sobre a estrutura do manuscrito. Martinho colaborou com a redação e a revisão final do artigo.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTIERI, M. A. **Agroecologia: dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 5ª edição – Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS. Disponível em: <<https://www.socla.c o/wp-content/uploads/2014/AgroecologiaAltieri-Portugues.pdf>>. Acesso em: 29 de maio de 2018.

ANJOS, R.S.A.; CYPRIANO, A. “**Quilombolas tradições e cultura da resistência**”. São Paulo. Aori Comunicações. Petrobras, 2006.

AZEVEDO, E.; PELICIONI, M. C. F. **Promoção da Saúde, Sustentabilidade e Agroecologia: uma discussão intersectorial**. Revista Saúde Soc., São Paulo, v. 20, n. 3, p. 717- 723, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/sausoc/2011.v20n3 /715-729/>>. Acesso: 21 de dez. de 2018. BORÉM, A.; MIRANDA, G. V. **Melhora mento de plantas**. 6. ed. Viçosa: UFV, p. 27-34, 2013.

FELDENS, L. **O homem, a agricultura e a história**. Lajeado: Univates, p. 34-59, 2018. Disponível em: <[https://www.univates.br/editoraunivates/media/publicacoes/246/pdf\\_246.pdf](https://www.univates.br/editoraunivates/media/publicacoes/246/pdf_246.pdf)>. Acesso: 18 de jan. de 2019.

FIDELIS, M, L. BERGAMASCO, M. P. P. S. **Quilombos e a agroecologia: a agricultura tradicional como estratégia de resistência da comunidade quilombola João Surá**. Disponível em: <<http://seer.ufms.br/index.php/RevAGB/article/download/401/204>>. Acesso em: 31 de maio de 2018.

FIGUEIREDO, M. V. B. et al. **Microrganismos e Agrobiodiversidade: O novo desafio para a agricultura**. Guaíba: Agrolivros, p.17-23, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. LONDRES, F. **Transgênicos no Brasil: as verdadeiras consequências**. [S.l.]: [s.n.], 2005. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/fea/ortega/agenda21/candeia.htm>>. Acesso: 21 de dez. de 2018.

MELO, R. H. V.; FELIPE, M. C. F. **Roda de Conversa: uma Articulação Solidária entre Ensino, Serviço e Comunidade**. Revista Brasileira de Educação Médica, v.40, n.2, p.301-309, fev.2016.

MOURA, A.F.; LIMA, M.G. **A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível**. Revista Temas em Educação, João Pessoa, v. 23, n.1, p. 98-106, jun. 2014.

POSSENTI, J. C. et al. **A agricultura convencional e suas implicações para o meio ambiente.** [S.l.]: [s.n.], 2007. Disponível em: <<http://revistas.utfpr.edu.br/dv/index.php/SSPA/article/viewFile/809/308>>. Acesso: 18 de jan. de 2019.

SCHOLL, C. J. **Matriarcado e África:** a produção de um discurso por intelectuais africanos - CHEIKH ANTA DIOP E IFI AMADIUME. 2016. Monografia (Bacharel em História) - Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

SILVA, G. S., SILVA, V. J. **Quilombos Brasileiros:** Alguns aspectos da trajetória do negro no Brasil. Revista Mosaico, v. 7, n. 2, p. 191-200, jul/dez, 2014.

TRINDADE, C. C. **Sementes crioulas e transgênicos, uma reflexão sobre sua relação com as comunidades tradicionais.** [S.l.]: [s.n.]. Dissertação (Mestrado em Direito Ambiental) - Programa pós-graduação em Direito Ambiental, Universidade do Estado do Amazonas, [s.d.]. Disponível em:<[http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/manaus/estado\\_dir\\_povos\\_carina\\_carreira\\_trindade.pdf](http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/manaus/estado_dir_povos_carina_carreira_trindade.pdf)>. Acesso: 24 de dez. de 2018.